

Eclipse

Revista literária galego-portuguesa. Ano I. Núm. 1. Outubro de 2013



Sumário

Ethopeia

Em páginas centrais, «*Domingo no corpo*», de Aurelino Costa ou *a poesia como horizonte de eventos* por Fernando Martinho Guimarães.

Poesia

José Alberte Corral, Augusto Fontam, M. Pardo, Xurxo Fernández, Virgílio Liquito, Henrique Dória, Nolim González, Moncho Iglesias, José Fontes Novas, Alfonso Rodríguez, Cruz Martinez, Marisol Gándara, aib1420, Raquel Pazos, rosanegra, Alexandre Insua.

Narrativa

Ler por Adrián Magro, *O longo caminho de regresso a casa* por Arthur Alonso Novelhe

Gráfica

Sandra Carballa, José Goris, Paula Pereira

Tradução

Boémia fica à beira-mar de Ingeborg Bachmann por Xesús Manuel da Torre Martíns.

Clássicos

Pero que eu mui long'estou de D. Dinis.

Apresentação

Cadáver esquisito

O primeiro que faz um barco para iniciar uma nova viagem é soltar as amarras que o jungem ao peirão. O nosso trajeto é semelhante, posto que nós também havemos de as soltar, pois aguardam as palavras de união entre os artistas da Lusofonia. Uma ponte capaz de juntar portos ou espaços criativos. Assim, a poesia, a narrativa, o ensaio e a expressão gráfica têm aqui o seu espaço. Um espaço próprio e dinâmico feito para o lazer, para as verbas que dão a vida e anunciam uma luz de cores que se recorta entre silhuetas. As cláusulas e os períodos tomam vida de seu, desenhando ideias pétreas arredor dum mar branco que nos reconforta.

Sobre as ondas as palavras criam melodias na espuma branca do nosso oceano. *Dance me to the end of love* e da língua e Leonard Cohen alouminha os nossos ouvidos na noite. Como os marinheiros dos tempos antigos que na, escuridão mais absoluta, se guiavam mercê as estrelas da cúpula celeste, assim somos nós, que nos guiamos pelas musas. As ninfas das fontes dançam arredor da poesia. Quiçá a inspiração tenha a bem prestar-nos as suas asas. Erato está com nós e Calíope advoga coa sua companha as nossas vivencias poéticas.

Por isso, sonhamos numa elipse de versos soltos, que se estende a cada um dos dois lados deste universo nosso. Porem, às vezes também sonhamos noutros lugares muito mais próximos: em ilhas (quiçá em Ponta Delgada), ou em cidades que agora já não lembramos. Nas ruas molhadas de chuva que inundam os nossos pés. Que abrem a nossa cabeça à lírica e as mãos abrem sol-pores azuis e amanheceres cor-de-rosa na letra de chá. A aurora descolga-se no horizonte um dia mais.

Vigo, Galiza. Outubro de 2013

1

Dobrei a folha branca
para escrever com argila
a palavra roubada polos
que nada sabem
da luz azul nem do cair da auga
no recolhido abanqueiro.
Só tenhem ouvidos cheios
do tintinar do ouro enchoupado
no sangue dos humildes.
Fósseis caveiras brancas arrumadas na beira do silêncio.

► **José Alberte Corral (A Corunha, 1946. Galiza)**

Criou-se na bairro de Monte Alto, na Corunha, jogando entre casas de um andar e ruas alegres e luminosas. Logo, saiu trabalhar e deu em Venezuela. Participou na fundação da Agrupação Cultural o Facho e militou em organizações clandestinas contra o franquismo, até fugir para o Chile de Allende, Argentina e Venezuela.

Publicou *Del amor y la memoria*, poesia em castelá

(1ª ed.: Ateneo de los Teques-Venezuela; 2ª ed.: Emboscall-Vic) e colaborou com diversos ensaios em distintas revistas de pensamento político em Venezuela. Logo de retormar á Galiza publicou as seguintes obras: *Palabra e Memória*, poesia (AGAL, Galiza), *Acarom da Brêtema*, poesia (AGAL, Galiza), *Do lusco-fusco*, relatos (Baía Edicions, Galiza), *Detrás da palabra*, poesia (AGAL, Galiza), *Buracos no espelho*, relatos (AGAL, Galiza), *O libro de barro*, poesia (ToxosOutos, Galiza) •

Pertenza

Performance



► Sandra Carballa (Meis, Galiza)

«...Non foi ate os 25 anos que ingresei na Facultade de Belas Artes de Pontevedra, na que realmente abriuse un abano de posibilidades para a creación. Este período axudome a atopar os meus recursos para traballar. Así, cunha bolsa ERASMUS, fixen un taller de performance en Irlanda, e unha posta en escena dos resultados cunha performance chamada "Unha cousa non quita á outra". Após disto participei en Pontevedra en "Desfunción". Fixen

estoutra performance que aparece aquí, "Pertenza". E sigo facendo, sempre que podo, pequenas accións que poden coincidir con inauguracións de exposicións, coma a última no bar "A Trastenda" onde a acción consistía en facer unha presentación da miña obra en galego, castelán e inglés, titulada "Stupid Trilinguism". Ou outra titulada, "non podo, estou fregando" onde pasei toda unha inauguración fregando pratos...

Rosalia

Verde te come a ervinha
Rosalia rosa minha
Que tu tomaste nos lábios
Nos rios do coração
Quando andavas nos campinhos
Nos barcos do mar fechado
No sol negro do caixão
Nesse teu caminho alado
Que foi o teu caminhar.
Rosalia lua minha
Entra o mar pela janela
E o teu coração dentro dela

E a envolvê-lo a chorar
Chora o lume duma estrela.

► **Henrique Dória (Porto. Portugal)**

«Vivo no Porto. Sou advogado, escritor. Tenho publicados três livros de poemas e dois de prosa. Em publicação tenho mais um livro de poemas e outro de contos.

Fui colaborador do suplemento literário do jornal Diário de Lisboa, da revista Vértice e também de alguns jornais. Sou autor do blog

Odisseus: odisseus.blogs.sapo.pt».

Ler

Gosta muito de ler e lê mesmo de tudo, pois incluso a mais previsível das histórias lhe deixa espaço para construir e contar-se as suas pequenas histórias. Assim, por exemplo, o livro que está a ler não explica como é que as personagens caminham, e ele imagina a heroína a saltar sobre uma perna entretanto agarra a outra e tenta com grande esforço colocar o pé na boca, vê o suor e os pequenos sorrisos quando ela está quase certa de que o vai conseguir. E assim faz com tudo o que não está lá escrito: com o jeito de respirar, de falar, de olhar, de se arranhar, e também com o tamanho dos olhos, mãos, etc. Agora mesmo, no livro que lê, a heroína está a jantar com outra gente, o livro diz que «jantam com grande gosto no entanto Herói não deixa de espreitar os olhos de Heroína» e ele os imagina numa mesa grande, cheia de boas comidas, como as que faz sua avoa, e os vê a tentar comer com os olhos (achegando a comida a eles e pestanejando muito rápido) e também a tirar as andróias e cherovias ao ar para depois apanha-las com a língua e engoli-las sem mastigar. Ler deste jeito não se lhe faz rir, também lhe faz sentir uma grande empatia pelo herói, pois relaxa e percebe com claridade todas as circunstâncias (sócio-económicas, culturais, emocionais e de localização à mesa) que lhe impedem agora alcançar a beijar o seu amor, e sente a grande mágoa do herói como própria, porém sabe que ainda há outra circunstância que neste intre os afasta e sente, também como própria, a ledícia da heroína que finalmente conseguiu colocar o pé na boca.

► **Adrián Magro (A Corunha. Galiza)**

«Foi nado na Corunha polos seus pais, gente do Val d'Eorras. Além de escrever ficções, dá aulas de línguas e traduz ou isso tenta. Ah, e tem um blogue e é este: adrianmagro.tumblr.com.»